Nessa lição Emmanuel vem nos falar de uma das virtudes mais difíceis de serem desenvolvidas em nós: a paciência.

São muitas as lições em que Emmanuel nos convida ao exercício dessa qualidade ainda tão incompleta em nós. Porém, na lição que trouxemos hoje, o alerta que ele nos faz a respeito da paciência é um pouco diferente e nós vamos discutir isso mais adiante.

Primeiro vamos analisar o contexto em que Jesus pronunciou as palavras registradas na passagem evangélica mencionada nessa lição.

Ela se encontra no capítulo 21 do evangelho de Lucas cujo título é "Grandes Tribulações".

Jesus fala aos seus discípulos que virá o tempo em que os cultos exteriores e os templos suntuosos cairão por terra. Os discípulos perguntam então quando seria esse momento e que sinais os céus nos enviariam indicando que esse tempo chegou.

Jesus fala dos falsos profetas, de guerras e distúrbios, de nações lutando contra nações, terremotos, pestes e fome. Ele também fala que os cristãos serão perseguidos e entregues a reis e governantes e que esse será o momento de darmos testemunho da nossa fé e da nossa confiança. Jesus nos pede que não nos aflijamos pois Ele nos dará a força e a intuição necessárias para suportar todas essas coisas.

No versículo 16 Jesus diz o seguinte: "Sereis entregues até mesmo pelos vossos genitores, irmãos, parentes e amigos; e matarão alguns de vós". Esse versículo é muito importante para o nosso estudo e vamos voltar a ele mais adiante.

E no versículo 19 está a passagem utilizada por Emmanuel nessa lição: "É na vossa paciência que ganhareis vossas almas".

Fazendo uma interpretação bem limitada do que Jesus nos ensina nesse capítulo do evangelho de Lucas, é como se o Mestre nos dissesse: vocês estarão vivendo um momento de turbilhões; o mundo estará em desequilíbro. Minha Doutrina de amor será intensamente combatida e aqueles que a seguem sofrerão perseguições por isso. Porém, todas essas coisas são necessárias e elas acontecerão antes que o meu Reino de Amor possa se estabelecer na Terra. Mas eu digo a vocês: sejam pacientes com aqueles que ainda não entenderam minha mensagem; perseverem naquilo que acreditam e vocês sairão vencedores desses tempos de trevas e dores.

Retornando à lição, no último parágrafo Emmanuel nos diz que Jesus foi o exemplo vivo da paciência, que o Mestre tudo suportou e tudo tolerou justamente por conhecer profundamente as fraquezas da humanidade terrena.

Só que Emmanuel faz um observação importantíssima: embora Jesus ainda hoje exerça sua infinita paciência conosco, em momento algum Ele foi conivente com o mal. Jamais Ele nos induziu a permanecer no erro mesmo tendo nos perdoado ao longo dos milênios.

É exatamente isso que Emmanuel nos pede: que estudemos a paciência com o equilíbrio necessário de maneira a identificar a tênue linha situada entre o correto exercício da paciência e o engano de aceitar passivamente o erro daqueles que caminham conosco.

Identificar exatamente onde está localizado esse limite é uma tarefa realmente muito difícil para nós.

De um lado predomina nossa tendência de desistir antes da hora alegando que nossa paciência chegou ao limite quando em muitas ocasiões poderíamos e deveríamos ter um pouco mais de paciência com os outros.

Em contrapartida, muitas vezes nós aceitamos demasiadamente os erros alheios. Lembram-se do versículo 16 do qual nós falamos anteriormente: "Sereis entregues até mesmo pelos vossos genitores, irmãos, parentes e amigos; e matarão alguns de vós"?

Pois é. Infelizmente, quando é alguém a quem mais amamos - pais, filhos, irmãos - que insiste em permanecer no erro, nosso afeto por essas pessoas torna muito difícil enxergar a realidade de que aquela pessoa amada não quer abandonar o erro.

Emmanuel nos fala do exercício da paciência em sua função educativa. Em outras palavras: sejamos pacientes enquanto nossa paciência for, de fato, um instrumento de auxílio para aqueles que erram. A partir do momento em que nossa paciência começa a ser negligenciada e se transforma em incentivo à permanência no erro, então essa é a hora de nos recolhermos com serenidade, sem alardes e deixar que o tempo e a Misericórdia Divina realizem o trabalho que nós ainda não temos condições de realizar.

Mas é muito, muito difícil saber onde se encontra essa fronteira. Porque só eu sei qual é o limite de minhas forças; só eu conheço a extensão das minhas dores e do meu sofrimento por conta dos erros alheios.

Muitas vezes, diante das ofensas e das mágoas que pessoas que eu amo atiram contra mim, a única coisa que me resta é um silêncio de gosto amargo que eu preciso digerir sozinho.

Sei que essas palavras podem soar como um vitimismo exagerado mas elas são apenas para demonstrar que ninguém tem a capacidade de determinar por nós até onde devemos ser pacientes e em que momento não devemos mais ser.

Essa decisão é íntima; somente nossa consciência e nosso coração sabem o peso desse julgamento.

O evangelho de Jesus tem as respostas para toda e qualquer dúvida da humanidade. Então vamos recorrer a ele para entender a mensagem de Emmanuel.

O capítulo XXII - Não Separeis o que Deus Juntou - é um capítulo curto que só tem 2 itens: Indissolubilidade do Casamento e O Divórcio.

Ao falar sobre as culturas que condenam irremediavelmente a dissolução do casamento, Kardec diz o seguinte:

*Um dia perguntar-se-á o que é mais humano, mais caridoso, mais moral: se encadear um ao outro dois seres que não podem viver juntos, se restituir-lhes a liberdade; se a perspectiva de uma cadeia indissolúvel não aumenta o número de uniões irregulares.*

Com relação ao divórcio, primeiro Kardec diz:

*O divórcio é lei humana que tem por objeto separar legalmente o que já, de fato, está separado. Não é contrário à lei de Deus, pois que apenas reforma o que os homens hão feito e só é aplicável nos casos em que não se levou em conta a lei divina.*

Ou seja: o divórcio vem apenas para chancelar o fim de uma relação que, pelas leis de Deus, já está desfeita porque nela não há mais o amor e o respeito seja por parte de um, seja da parte de ambos os parceiros.

Mais adiante Kardec comenta:

*Mas, nem mesmo Jesus consagrou a indissolubilidade absoluta do casamento. Não disse ele: “Foi por causa da dureza dos vossos corações que Moisés permitiu despedísseis vossas mulheres”? Isso significa que, já ao tempo de Moisés, não sendo a afeição mútua a única determinante do casamento, a separação podia tornar-se necessária.*

Vamos supor que eu esteja passando por uma crise no meu casamento. Eu abro o Evangelho Segundo o Espiritismo e me deparo com essas palavras de Kardec.

Se eu sou o tipo de pessoa que estabeleci meu relacionamento não nas base do amor mas em outros interesses, eu posso seguir 2 caminhos:

1 - Colocar um fim no meu casamento sem esforçar-me por resolver os problemas. Afinal de contas, o próprio Allan Kardec falou que às vezes a separação é a única solução. Eu sigo a lei do menor esforço;

2 - Não colocar um fim ao meu relacionamento mas também não fazer nada, absolutamente nada para torná-lo melhor. Eu continuo magoando, desrespeitando e fazendo sofrer minha companheira e eu faço isso sem nenhuma dor na consciência. Sendo uma pessoa egoísta eu acredito que é obrigação da minha companheira continuar me suportando.

Por outro lado, se eu sou o companheiro desrespeitado, aquele que sofre as ofensas e injúrias e ainda assim dou o meu melhor na tentativa de solucionar os problemas no meu relacionamento; se nos momentos de desentendimento sou eu que saio magoado e tenho que me recolher à minha dor, então talvez eu precise refletir sobre os conselhos de Emmanuel nessa lição.

Às vezes a pessoa que sofre num relacionamento dessa natureza acha que ela veio ao mundo para passar por essas coisas e que nada pode mudar isso. É claro que todos nós temos os ajustes necessários a serem feitos; todos temos contas a acertar com a Justiça Divina que nos coloca juntos uns dos outros exatamente para isso. Mas ninguém vem a esse mundo para sofrer indefinidamente.

Se fosse assim a humanidade jamais iria evoluir. Pois se somos todos imperfeitos, todos temos que lidar com os erros dos outros, se aceitarmos passivamente as faltas alheias nenhum de nós faria progresso.

Precisamos ser muito cuidadosos nesse sentido porque Emmanuel nos alerta: paciência não é aprovação ao desequilíbrio, não é passaporte ao abuso, não é apoio à delinquência e muito menos conivência com o erro deliberado.

Eu preciso perguntar a mim mesmo: será que minha paciência e minha tolerância têm servido como um instrumento para que o outro cresça ou ela se tornou um incentivo para ele permaneça no erro?

*Citar exemplo pessoal*

Essa questão do casamento é apenas um exemplo. O que Emmanuel nos pede é a reflexão em todas as situações de nossas vidas nas quais a resignação, a abnegação e o esforço só existem da parte de um, seja nas relações de trabalho, vizinhança ou de amizade.

Mas é como foi dito lá no início do nosso estudo: compete a cada m de nós individualmente saber até onde deve ir nossa paciência antes que ela se torne para o outro um convite à permanência no erro.

Emmanuel nos lembra que Jesus se mostrou tão paciente que retornou ao convívio dos homens após a sua crucificação. Mas ele se materializou perante os discípulos que, apesar de suas imperfeições, seriam capazes de lhe aproveitar as lições e não perante os fariseus acostumados à mentira e à perturbação.

Sigamos o exemplo do nosso Divino Mestre: façamos uso da nossa paciência com aqueles capazes de evoluir com ela.